

O noticiário era redigido de forma difícil, empolada. O jornalismo feito ainda por literatos é confundido com literatura, e no pior sentido. As chamadas informações sociais — aniversários, casamentos, festas — aparecem em linguagem melosa e misturam-se com a correspondência de namorados, doestos a desafetos pessoais e a torva catilinária dos *a pedidos*. Os próprios anúncios não chegam para quebrar a monótona uniformidade das páginas: “Bebam os vinhos de Adriano Ramos Pinto” — “Dói? Gelol” — “Jataí do Prado cura bronquites e asma”. Discrepa um pouco aquele que ficou célebre: “Eu era assim, cheguei a ficar assim, agora estou assim”, ilustrado com três cabeças diferentes. Mas havia, às vezes, na solenidade vazia dos textos publicitários, uma nota de escândalo: certo Oliveira, dono de uma loja de móveis no centro da cidade, “anunciava suas camas e colchões de maneira tão torpe, propositadamente trocando vocábulos e pondo em destaque outros de indecente significação que nem a título de documento podemos aqui repetir tais anúncios”, como informa Luís Edmundo⁽²⁰⁰⁾. Os clichês são caríssimos, poucas as oficinas de gravura e os jornais poupam-se de usá-los. E nem mesmo as informações são de interesse geral, ou os fatos apresentados objetivamente. Eis alguns exemplos: “O sr. ministro da Fazenda concedeu seis meses de licença, para tratar da saúde, onde lhe convier, ao 4º escriturário da Mesa de Rendas de Corumbá, Estado de Mato Grosso, sr. Antônio Manuel de Sousa Júnior”. “Lisboa, 12-S.M. el-rei, o sr. D. Carlos, saindo, hoje pela manhã, em sua carruagem, visitou a igreja do Senhor dos Passos da Graça, regressando ao palácio, onde chegou faltando um quarto para o meio-dia”. “Suicídio. Na flor da idade, aos 16 anos, virgem e bela, ó destino implacável. . . Nasceu como nascem as rosas que se doiram ao sol meigo da primavera. . .”

O *Jornal do Comércio*, com mais de setenta anos já, é sisudo e conservador, lido pelos homens da classe, pelos políticos, pelos funcionários graduados; trata-se de empresa sólida, prestigiosa, com redação à rua do Ouvidor; José Carlos Rodrigues não lhe alterou a fisionomia, apenas acentuou o traço de apoiar todos os governos; Tobias Monteiro é o redator principal, responsável pela primeira *vária* e pelos artigos de peso; Ernesto Sena, velho repórter, passou a redator; o barão do Rio Branco também escreve notas e frequenta a redação; jornal de grande formato, é oferecido nos hotéis e salões aos frequentadores; sua sisudez se transmite ao pessoal e Félix Pacheco, boêmio, poeta, espírito irreverente, assume a postura circunspecta ao servir no jornal de que, mais tarde, será diretor. Na *Gazeta de Notícias*, morto Ferreira de Araújo, a direção cabe a um português amável,

(200) Luís Edmundo: op. cit., pág. 916, III.